

VOLUME 3 DA SÉRIE
O DOADOR DE MEMÓRIAS
MAIS DE 15 MILHÕES
DE LIVROS VENDIDOS

O MENSAGEIRO

Lois Lowry





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

1

Matty estava louco para acabar logo de preparar o jantar. Queria cozinhar, engolir a comida e dar o fora dali. Quem lhe dera ser adulto para poder decidir quando comer, ou mesmo se queria comer, para início de conversa. Havia algo que precisava fazer, algo que o amedrontava. A espera só aumentava a ansiedade.

Matty já não era criança, mas também não chegava a ser homem. Às vezes, usava a janela de casa para se medir, parado diante dela do lado de fora. Antes, chegava apenas até o peitoril, ficava com a testa apoiada na madeira, mas agora era tão alto que conseguia olhar para dentro sem nenhum esforço. E, se recuasse em direção à grama alta, podia se ver na vidraça. Seu rosto estava ficando másculo, pensou ele, embora ainda gostasse da brincadeira infantil de fazer caras e bocas para o próprio reflexo. A voz também já engrossava.

Ele morava com o cego, que os outros chamavam de Vidente, e era seu ajudante. Ainda que achasse a tarefa uma chatice, limpava a casa, pois o homem dizia que era necessário. Assim, Matty varria o chão de madeira todos os dias e arrumava os lençóis no quarto: com todo o capricho na cama do homem, de qualquer jeito na sua própria. Na cozinha, cada um fazia sua parte. O homem ria das misturebas de Matty e tentava ensiná-lo a cozinhar, mas o garoto era impaciente e não se importava com sutilezas, como ervas.

– Por que a gente não junta tudo e joga na panela? Vai misturar na barriga de qualquer jeito.

Essa era uma discussão antiga e amigável. Vidente deu uma risadinha.

– Cheire isto – pediu ele, estendendo o broto verde-claro que estava picando.

Matty obedeceu.

– Cebola – disse, dando de ombros. – A gente pode simplesmente jogar aí dentro. Ou nem precisa cozinhar, mas aí você fica com bafo de onça. Uma garota prometeu que ia me beijar se eu estivesse com bom hálito. Mas acho que ela está só me provocando.

O cego sorriu para o menino.

– A provocação é o que torna tão divertida a etapa anterior ao beijo – falou ele, e Matty corou. – Você poderia negociar um beijo – sugeriu Vidente, risonho. – O que daria em troca? Sua vara de pescar?

– Não faça isso. Não brinque com negociações.

– Tem razão, eu não deveria. Costumava ser uma coisa alegre. Mas agora... Você tem razão, Matty, já não é motivo de brincadeira.

– Meu amigo Ramon foi à última Feira de Negócios com os pais. Mas ele não quer falar no assunto.

– Vamos fazer o mesmo, então. A manteiga já derreteu na panela?

Matty conferiu. Ela estava começando a borbulhar, com uma coloração dourada.

– Já.

– Então acrescente a cebola. Fique mexendo para ela não queimar.

Matty obedeceu.

– Agora cheire *isto* – falou o cego.

Foi o que Matty fez. O aroma da cebola que refogava na panela o deixou com água na boca.

– Melhor do que se estivesse crua? – perguntou Vidente.

– Mas dá muito trabalho – retrucou Matty, irrequieto. – Cozinhar é muito trabalhoso.

– Acrescente um pouco de açúcar. Só uma pitada ou duas. Deixe cozinhar por um minuto e, depois, vamos colocar o coelho. Não seja tão impaciente, Matty. Você está sempre fazendo tudo com pressa e não há necessidade disso.

– Só quero sair antes de anoitecer. Preciso conferir uma coisa. Tenho que jantar logo para chegar à clareira antes de escurecer.

O cego riu. Então apanhou os cortes de coelho da mesa e, como sempre, Matty ficou impressionado ao ver a segurança com que ele movia as mãos, como sabia exatamente onde havia deixado cada item. Observou-o enfarinhar os pedaços de carne com habilidade e colocá-los na panela. O aroma mudou à medida que a carne fritava com a cebola amolecida. Vidente acrescentou um punhado de ervas.

– Para *você* não faz diferença se é dia ou noite lá fora – disse Matty, fazendo cara feia –, mas preciso da luz do sol para ver uma coisa.

– E que coisa é essa? – perguntou o cego, orientando em seguida: – Quando a carne tiver dourado, adicione um pouco de caldo para ela não agarrar.

Matty seguiu as instruções, derramando na panela o caldo em que o coelho fora cozido mais cedo. O líquido escuro trouxe à tona a cebola e as ervas picadas, fazendo-as girar em torno dos pedaços de carne. Ele já sabia que aquela era a hora de tampar e baixar o fogo. Enquanto o cozido fervia, dispôs os pratos na mesa em que os dois jantariam.

Esperava que Vidente esquecesse o próprio questionamento: “E que coisa *é* essa?” Não queria responder. Matty estava perplexo com o que escondera na clareira. O fato de não saber o que significava lhe dava medo. Perguntou-se por um instante se seria possível negociar aquilo.



Depois de lavar e guardar os pratos, Matty viu que Vidente já estava sentado na poltrona com o instrumento de corda que tocava à noite. Foi devagarinho em direção à porta, na esperança de ir embora sem ser notado. Mas o cego ouvia qualquer coisa que se movesse ao redor. Inclusive, uma vez, escutara uma aranha correr de uma ponta da teia à outra; Matty estava de prova.

– Já vai para a Floresta outra vez?

Matty suspirou. Não havia escapatória.

– Volto antes de escurecer.

– Tudo bem. Mas acenda o lampião, para o caso de se atrasar.

Depois que escurece, é bom ter uma janela iluminada para se guiar. Eu me lembro de como era a Floresta à noite.

– Quando foi isso?

O homem sorriu.

– Quando eu ainda enxergava. Bem antes de você nascer.

– Você tinha medo da Floresta?

Muitas pessoas tinham, e por bons motivos.

– Não. Tudo não passa de ilusão.

Matty franziu a testa. Não sabia o que o cego queria dizer com isso. O medo era uma ilusão? Ou a Floresta? Olhou para ele. O cego esfregava a lateral envernizada do instrumento com um pano macio. Seus pensamentos haviam se voltado para a madeira lisa, embora não pudesse ver a grã ondulada do bordo dourado.

Talvez, pensou Matty, *tudo* fosse ilusão para um homem que tivesse perdido a vista.

Matty esticou o pavio e conferiu a quantidade de óleo no lampião. Então acendeu o fósforo.

– Está feliz por eu ter feito você limpar a fuligem do lampião, não está?

O cego não esperava receber uma resposta. Ele moveu os dedos pelas cordas, atento ao som produzido. Como fazia quase todas as noites, pôs-se a afinar o instrumento com esmero. Conseguia identificar variações sonoras que, aos ouvidos do menino, pareciam todas iguais. Matty ficou parado diante da porta por um instante, observando. Sobre a mesa, o lampião cintilava. Vidente estava sentado com a cabeça inclinada em direção à janela, de modo que a luz do fim de tarde evidenciava as cicatrizes em seu rosto. Ouvia, depois girava um pequeno parafuso na parte de trás do braço de madeira, então ouvia novamente. Agora estava concentrado nos sons e havia se esquecido do garoto. Matty saiu de fininho.



A caminho da Floresta que delimitava o Vilarejo, ele pegou um trajeto mais longo para poder passar pela casa do professor, um homem bondoso com uma mancha vermelho-escura que lhe cobria metade do rosto. Marca de nascença, era como a chamavam. Quando ainda era novo no Vilarejo, Matty às vezes se surpreendia olhando-o fixamente, pois nunca tinha visto ninguém com uma marca daquelas. De onde o menino vinha, as autoridades não permitiam defeitos como aquele. As pessoas eram condenadas à morte por menos.

Mas ali no Vilarejo, além de não serem consideradas defeitos, marcas e imperfeições eram valorizadas. O cego recebera o nome

verdadeiro de Vidente, sendo respeitado pela visão especial que tinha, a despeito dos olhos arruinados.

Embora seu nome verdadeiro fosse Mentor, o professor às vezes era chamado carinhosamente de “Pimentão” pelas crianças, por conta da marca de nascença. Elas o adoravam; era um profissional sábio e paciente. Matty, ainda pequeno quando fora morar ali com o cego, havia estudado na escola em tempo integral durante algum tempo, e ainda assistia a aulas de reforço nas tardes de inverno. Fora Mentor quem o ensinara a se sentar quieto, ouvir e, com o tempo, ler.

Passou pela casa do professor não para vê-lo, ou para admirar seu viçoso jardim de flores, mas na esperança de avistar a linda filha de Mentor, que se chamava Jean e o havia provocado recentemente com a possibilidade de um beijo. Nos fins de tarde, ela costumava arrancar ervas daninhas.

Mas naquele dia não havia sinal dela ou do seu pai. Matty viu uma gorda cadela malhada dormindo na varanda, mas não parecia haver ninguém em casa.

Melhor assim, pensou. Jean o teria atrasado com suas risadinhas e promessas sedutoras – que nunca eram cumpridas. Além do mais, ele sabia que a garota as fazia a todos os meninos. Nem mesmo devia ter ido até ali só pela esperança de vê-la.

Matty pegou um graveto e, na terra do caminho ao lado do jardim, desenhou um coração e, dentro, escreveu com capricho o nome de Jean e o seu logó embaixo. Talvez ela o visse e soubesse que ele havia estado ali; talvez desse alguma importância a isso.

– Ei, Matty! O que está fazendo? – Era seu amigo Ramon, dobrando a esquina. – Já jantou? Quer comer com a gente?

Matty foi andando depressa para junto de Ramon, bloqueando a visão do desenho na terra, esperando que o amigo não notasse nada. Era sempre divertido ir à casa de Ramon,

pois, recentemente, sua família havia ganhado uma Máquina de Jogos numa negociação, uma caixa grande com uma alavanca que deveria ser puxada para fazer três rodas com figuras girarem. Então um sino tocava e elas paravam. Se as três imagens fossem iguais, a máquina cuspiam uma guloseima. Era muito empolgante.

Às vezes, Matty se perguntava o que eles haviam sacrificado em troca da Máquina de Jogos, mas ninguém nunca lhes perguntava.

– A gente já jantou, sim – respondeu ele. – Preciso ir para um lugar antes de escurecer, então o jantar foi cedo.

– Eu até iria com você, mas estou com tosse e Botânico disse que eu não devo ficar muito na rua. Prometi que ia direto para casa. Mas, se você esperar, posso ir correndo perguntar...

– Não – apressou-se a responder Matty. – Tenho que ir sozinho.

– Ah, é para uma mensagem?

Não era, mas Matty assentiu. Incomodava-o um pouco contar essas pequenas mentiras. Por outro lado, sempre as contara; crescera mentindo, e ainda achava estranho que as pessoas naquele lugar em que vivia agora considerassem errado mentir. Para Matty, às vezes era uma maneira de tornar as coisas mais fáceis, menos constrangedoras e mais convenientes.

– Até amanhã, então.

Ramon acenou e saiu correndo para casa.



Matty conhecia as trilhas que levavam à Floresta como se as tivesse aberto. E, de fato, algumas tinham sido criadas por ele ao longo dos anos. As raízes ficaram achatadas à medida que experimentava vários trajetos, buscando a rota mais curta e segura de

um ponto a outro. Ele era ágil e silencioso na mata e conseguia pressentir o caminho certo sem nenhum ponto de referência, da mesma forma que previa o tempo e sabia quando choveria antes que as nuvens aparecessem e o vento mudasse de direção. Matty simplesmente *sabia*.

Os outros habitantes do Vilarejo quase nunca se aventuravam ali. Era perigoso para eles. Às vezes, a Floresta se fechava ao redor das pessoas que tentavam atravessá-la e não as deixava escapar. Houve casos de mortes terríveis, em que os corpos foram trazidos de volta estrangulados por cipós ou ramos que se enroscavam de forma maligna no pescoço e nos membros dos que decidiam abandonar o Vilarejo. De alguma forma, a Floresta sabia. Mas também parecia saber que as viagens de Matty eram benignas e necessárias. Os cipós nunca haviam tentado pegá-lo. De vez em quando, as árvores quase pareciam abrir caminho e convidá-lo a passar.

– A Floresta gosta de mim – comentara ele certa vez com o cego, orgulhoso.

Vidente concordou.

– Talvez ela precise de você – observou.

As pessoas também precisavam de Matty. Acreditavam que ele conheceria os caminhos, conseguiria trilhá-los em segurança e faria os serviços que exigiam atravessar a mata cerrada e suas rotas sinuosas, labirínticas. O garoto portava mensagens para elas. Esse era o seu trabalho. Ele achava que, quando chegasse a hora de receber seu nome verdadeiro, a escolha seria *Mensageiro*. Gostava da sonoridade e estava ansioso por receber esse título.

Mas, naquela tarde, Matty não levava nem ia buscar mensagem nenhuma. Ele seguiu até uma clareira conhecida, logo após um conjunto cerrado de pinheiros. Saltou com agilidade um córrego, então saiu da trilha desgastada para passar entre duas

árvores, empurrando a folhagem. Aquelas árvores tinham crescido rápido nos últimos anos, portanto agora a clareira estava totalmente oculta. Tornara-se, assim, o esconderijo de Matty.

Ele precisava de privacidade para aquela coisa que estava descobrindo sobre si mesmo, de um lugar para testá-la em segredo, para avaliar o próprio medo do que aquilo poderia significar.

A clareira estava mergulhada na penumbra. Atrás dele, o sol começava a se pôr sobre o Vilarejo, e a luz que chegava através da Floresta era rosada e fraca. Matty percorreu o chão coberto de musgo até uma série de moitas altas e densas perto da base de uma árvore. Agachou-se ali e apurou os ouvidos, inclinando a cabeça em direção às plantas. Fez um som baixinho, que havia praticado; logo em seguida, veio o som que ao mesmo tempo esperava e temia escutar em resposta.

Enfiou a mão com cuidado na vegetação rasteira e retirou um pequeno sapo. O animal o encarou com seus olhos esbugalhados e destemidos e tornou a fazer o mesmo som: *brebt-brebt, brebt-brebt, brebt-brebt*.

Matty imitou o sapo, como se os dois conversassem. Embora estivesse nervoso, o “diálogo” o fez rir um pouco. Ele examinou o corpo verde e escorregadio. O sapo não fez nenhum esforço para pular da sua mão. Ficou parado, o papo fundo e translúcido estremeando.

Ele havia encontrado o que procurava. De certo modo, torcia para não encontrar. Sem dúvida, sua vida seria mais simples se aquele fosse um sapo qualquer, sem nenhuma marca. Mas, como no fundo já sabia, esse não era o caso. Da mesma forma, tinha consciência de que tudo iria mudar para ele a partir de então. Seu futuro sofrera uma nova e secreta reviravolta. A culpa não era do sapo, percebeu Matty, devolvendo com cuidado a pequena criatura verde à vegetação e observando as folhas balançarem

enquanto ela se afastava, como se nada tivesse acontecido. Ele também se deu conta de que estava tremendo.



Voltando para o Vilarejo pelo caminho agora coberto de sombras, Matty ouviu sons que vinham da área além da praça do mercado. A princípio, ficou surpreso, achando que eram pessoas cantando. Não que isso fosse algo incomum no Vilarejo, mas em geral não ocorria ao ar livre, e muito menos à noite. Intrigado, parou para escutar melhor. Não era um canto, mas o som ritmado e pesaroso que chamavam de lamentação, o som da perda. Ele afastou as outras preocupações da mente e, sob a última luz do dia, pôs-se a correr para casa, onde o cego estaria à sua espera e poderia lhe explicar o que estava acontecendo.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br